

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XXXV



LISBOA • 2002/2003

No Pórtico do tomo xxxv das **Memórias da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras)**, presta-se sentida homenagem à memória dos Académicos Paul Teyssier, James Tobin, José Craveirinha, Eduardo Abranches de Soveral, Henrique Barrilaro Ruas e António Ferrer Correia, que, com a sua dedicação, prestaram a esta Academia os mais altos serviços.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XXXV — 2002/2003

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

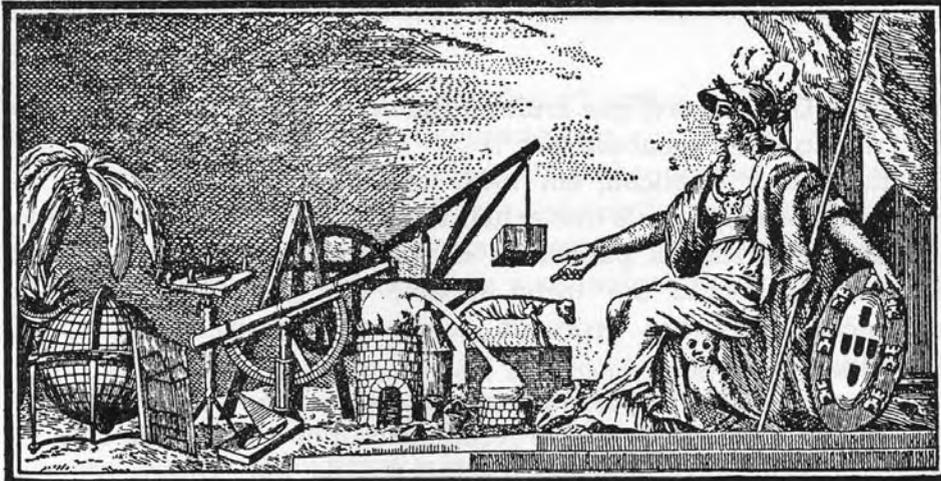
Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Janeiro de 2005

ISBN: 972-27-1353-1

Depósito legal: 61 370/92



QUEM FOI BLAISE PASCAL?

EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL

Blaise Pascal viu a luz do dia em 19 de Junho de 1623, na cidade de Clermont, no Auvergne, uma região montanhosa de grande beleza, no centro de França. Provinha de uma família de comerciantes e magistrados, de recente pequena nobreza. Era filho de Étienne Pascal, alto funcionário das Finanças, e de Antoinette Begon, que faleceu muito nova e o deixou órfão de tenra idade. Dos quatro filhos do casal apenas vingaram três: Gilberte, a quem se devem muitas informações acerca do irmão, Blaise e Jacqueline.

Étienne foi um homem de grande curiosidade intelectual, que privou com alguns dos espíritos mais ilustrados da época e que, embora se tivesse mantido sempre fiel aos valores tradicionais e à ortodoxia católica, conviveu cordialmente com «libertinos» e «honnêtes hommes», ou seja, com personalidades que abertamente perfilhavam ideias e sentimentos a eles contrários, e eram muito livres nos costumes.

De constituição débil, sofrendo possivelmente de raquitismo, Blaise foi sem dúvida uma criança nervosa e enfermiça, mas equilibrada e prodigiosamente inteligente.

O pai encarregou-se directamente da sua educação, e usou métodos pedagógicos inovadores, assim referidos por Gilberte: «Em 1632, meu pai retirou-se para Paris [...]. O meu irmão, que tinha à data 8 anos apenas, beneficiou muito com isso, dado o desejo que meu pai tinha de o educar [...]. A principal máxima, nessa educação, era manter a criança acima da sua obra; foi por esse motivo que não quis ensinar-lhe o latim antes dos 12 anos, para que pudesse aprendê-lo com mais facilidade. Até lá não o deixou ocioso: falava-lhe daquilo que ele pudesse entender. Fez-lhe ver o que eram as línguas em geral [...] e mostrou-lhe a razão das regras da gramática, de sorte que, quando veio a aprendê-las, sabia porque o fazia [...]. Meu pai era um matemático sabedor e dava-se com os mais hábeis na ciência que cultivava, recebendo-os muitas vezes em sua casa. Mas, como desejava instruir meu irmão nas línguas e sabia que a matemática enche e satisfaz o espírito, não quis ensinar-lha no receio de que negligenciasse o estudo do latim e de outras línguas em que devia aperfeiçoar-se.»

Mas Blaise, tendo dado ao pai sobejas provas do seu precoce talento de géometra, obrigou-o a alterar o plano de ensino e a dar-lhe os *Elementos* de Euclides para ler nas horas do recreio...

No que respeita à religião, e ainda segundo o testemunho de Gilberte, Étienne incutiu no espírito do filho um grande respeito pela doutrina e magistério da Igreja de Roma, mas no contexto de um fideísmo extremo segundo o qual as verdades da fé não estão submetidas ao veredicto da razão, mas que esta é livre, feita tal reserva, para tudo investigar.

Dado que Blaise era, de seu natural, muito atento e reactivo ao que o rodeava, e que, por isso, a educação que recebeu o marcava profundamente, convirá analisar um pouco mais o ensino paterno. Poderemos resumida e conclusivamente dizer que a educação de Blaise obedeceu, fundamentalmente, aos seguintes critérios e objectivos:

- a) Valorização da experiência e treino das faculdades em vez da memorização de conhecimentos teóricos;
- b) Não impor o estudo mas fazê-lo desejado. Aqui a antecipação de um princípio pedagógico contemporâneo que deverá, todavia, ser avaliado no seu contexto. Étienne não visava dar ao filho uma preparação profissional, mas educá-lo conforme as exigências genéricas da sua recente condição de nobre, onde era de regra um amadorismo

- elegante, em que tudo parecia fazer-se por gosto e sem esforço;
- c) No elenco e ordem das disciplinas ensinadas (latim, grego, francês, matemática, lógica e física), o mais característico era a sua intenção moderadamente humanística. O latim e o grego destinavam-se mais a dar-lhe acesso à convivência cultural do que a permitir-lhe o estudo directo dos grandes autores clássicos;
 - d) O ensino religioso centrava-se na leitura da Bíblia e dos Padres da Igreja. Étienne, cujo avô paterno fora protestante, refugiava-se numa posição fideísta, como já se disse, e praticava a religião católica com sinceridade e respeito, mas com pouco fervor.

Criança de génio, vivendo recolhida e sem o salutar convívio de condiscípulos, curiosa das conversas cultas dos adultos e nelas encontrando uma fonte de conhecimentos, mas também ocasião para ser admirada, Blaise correu o risco de sofrer anomalias de carácter e comportamento, pelo menos, de adquirir a clássica mentalidade dos «meninos prodígios» que tanta dificuldade têm em enfrentar, com eficácia e segurança, os círculos de convivência em que não sejam aplaudidos. Não houve, porém, em Pascal traços de tais anomalias.

Pelo contrário, avesso às dependências da vaidade, realista, Blaise desde cedo revelou uma personalidade forte, combativa, desejosa de vencer e convencer, mas sem teimosias patológicas. É de presumir que para isso tenha contribuído a circunstância de a irmã mais nova, Jacqueline, ter sido também extraordinariamente talentosa e precoce, e em matéria de mais fácil admiração. Blaise publicou, aos 19 anos, um inovador estudo sobre as secções cónicas, que só um restrito círculo de conhecedores estava obviamente em condições de apreciar; enquanto Jacqueline, como pequena actriz, e poetisa de inspiração fácil, fazia as delícias e o espanto de quantos a viam e ouviam. Mas não houve competição nem invejas entre ambos. Os dois irmãos admiravam-se mutuamente e estimavam-se muito.

Quem foi o adulto em que se transformou esta criança extraordinária? É a altura para denunciar, uma vez mais, a falsidade do retrato romântico que tem gozado, até hoje, de grande audiência e que se deve, entre outros, a Chateaubriand, Cousin, Brunschvicg, Unamuno, Barrés e Guardini.

Blaise não foi um homem diminuído pela doença, torturado por inquietações espirituais, ensimesmado, desgostoso do mundo, com assombros místicos e comportamentos excêntricos. Aqueles mesmos traços de carácter, tão cedo revelados, mantiveram-se e firmaram-se. O «engenheiro» Pascal, como expressivamente lhe chamou um dos seus biógrafos, foi um homem de acção, servido por uma vontade férrea, mas equilibrado e realista; e que até ao fim da vida, diminuído já pelas dores e entraves do processo canceroso que o vitimou, continuava atento aos acontecimentos públicos, a gerir os negócios, a escrever anotações para a *Apologia da Religião Cristã*, e a interessar-se por questões de natureza científica sem que isso diminuísse o fervor da sua piedade e o desejo de santificação.

Foram, com efeito, a vocação científica, o gosto por uma vida activa e a fé cristã que sempre o motivaram. E além da forma positiva e fecunda como conciliou tais interesses, é também característico o espírito de modernidade que o animou.

Blaise acolheu, sem reservas, as novas ideias e circunstâncias do tempo. Viu, antes de mais, as potencialidades tecnológicas da física e da matemática, e a melhoria de vida que poderiam trazer ao homem comum. E logo se empenhou em contribuir para isso: inventou, construiu, utilizou e vendeu a primeira máquina de calcular; inventou a prensa hidráulica e o barómetro; organizou e geriu, em Paris, a primeira empresa de transportes públicos; encarregou-se, por empreitada, de enxugar os pântanos que havia nos arredores da cidade; entreviu, quando da terrível polémica contra os Jesuítas, com as suas *Cartas a um Provinciano...*, a importância futura da «opinião pública» e criou o estilo literário adequado à sua formação. Foi, em suma, pai da cibernética, do jornalismo e da propaganda comercial (a que recorreu para vender a sua calculadora) e também um empresário de sucesso.

Mas não comungou no optimismo do espírito moderno: não acreditou na suficiência dos poderes do homem, nem no valor substantivo do mundo; não esperou tudo das «luzes», nem mistificou o progresso; tão-pouco se contentou com o «Deus dos filósofos» e dos cientistas, permanecendo fiel e devotado ao «Deus de Abraão, Isac e Jacob».

Foi na chamada fase mundana — quando passou a frequentar a alta sociedade parisiense que se abriu ao seu talento, com gosto e um certo deslumbramento, mas sem aceitar a liberdade de costumes nem a futilidade elegante que nela reinavam — que se lhe revelou o novo e aliciante domínio das ciências humanas.

Então viu com clareza que o homem, sendo extremamente complexo, não podia ser compreendido do mesmo modo que as figuras geométricas e que o seu conhecimento seria muito mais difícil ou mesmo impossível. Mas, afirmativo por índole, repugnava-lhe o cepticismo; e ao seu racionalismo de matemático também não quadrava a mera dogmatização das convicções que tinha. Entendia que, pelo menos, competiria sempre à razão decidir acerca daquilo que a ultrapassasse.

Por isso, porque se não resignava a renunciar, à partida, ao conhecimento desse novo e complicado mundo, adoptou perante ele a mesma postura gnósica que assumia frente aos fenómenos mais simples da Natureza: observação despreconcebida, reconhecimento de que os métodos variam consoante o tipo de objectos que visam e de que, por vezes, é necessário inventá-los, e ainda recurso à experimentação, sempre que possível. Mas não foi muito mais longe.

Esteve talvez ao seu alcance criar uma metodologia adequada às ciências do homem. Não se tratava, obviamente, de utilizar o cálculo de probabilidades e processos estatísticos (o «triângulo aritmético» que inventou para ajudar a prever o resultado dos jogos de azar permite a descrição da curva de Gaus) porque isso seria insistir numa quantificação redutora, mas recorrendo a uma descrição compreensiva de tipos e situações exemplares. Não o conseguiu, todavia, talvez porque aquilo que descobriu de paradoxal na erudição humana era o que mais convinha à estratégia da apologia do Cristianismo que projectava, mas não chegou a concluir.

Também no plano religioso foi marcante a sua modernidade: apologeta existencial, partiu da análise da condição humana para mostrar a verdade do Cristianismo; foi precursor do apostolado dos leigos e particularmente sensível às dimensões da comunidade viva que é o «Corpo místico de Cristo».

Valorizando muito mais a fé do que as obras, entendendo que o amor de si e o amor do próximo necessariamente se desvirtuam se não estiverem subordinados ao amor de Deus, julgando que o Pecado Original deixou sem suporte, flutuando sobre o nada de que provieram, o homem e o seu mundo, Pascal foi bastante influenciado pela religiosidade jansenista. Mas manteve-se, como sempre, independente e crítico. E deverá sublinhar-se que atingiu, no fim da vida, um alto grau de perfeição cristã: de coração renovado, amou espontaneamente e desdobrou-se em cuidados por quantos sofriam à sua volta.

Pascal não tinha em grande conta a metafísica, e nunca pretendeu ser filósofo. Atingiu, apesar disso, de forma diversa e a partir de vários contextos cognitivos, o plano da especulação filosófica, onde foi brilhante.

Isso ficou a dever-se à circunstância de todos os conhecimentos levarem à filosofia, desde que se busquem os fundamentos ou problematizem as conclusões.

Os seus principais contributos situam-se no âmbito da gnosiologia. De realçar, sobretudo, a tese de que a ontologia e a antropologia se ocupavam de estados-de-coisas de natureza meramente cultural; e que, portanto, quer a organização da sociedade, quer os modelos que servem aos homens para se conhecerem e avaliarem, são puramente convencionais e, melhores ou piores, só valem porque são perceptíveis ao caos, e sobre ele estabelecem uma ordem e um sentido sem os quais a vida pessoal e colectiva não são possíveis.

Em conformidade, entendeu que há três estádios na sabedoria: a do povo simples, que aceita as convenções como se fossem realidades justas; a dos incómodos e pretensiosos semi-sábios, que se insurgem contra as injustiças dos costumes e das leis, na ingénuo suposição de que é possível instaurar um mundo perfeito; e a dos verdadeiros sábios, que sabem que não sabem e que nada podem, mas guardam para si essa doura e resignada ignorância.

Foi por certo nesta radical desvalorização do mundo, e na negação de que as obras dos homens o possam ir progressivamente melhorando, que Pascal mais permeável foi ao espírito jansenista.

A obra de Pascal foi dispersa e circunstancial. Determinada por um amplo leque de interesses, visou sempre objectivos imediatos e práticos. Dada uma situação concreta, fosse um problema teórico (a ciclóide, o vazio aparente), fosse pragmático (facilitar o trabalhoso cálculo dos impostos que o pai recebia em Ruão), fosse um conflito teológico e político (a defesa de Port-Royal), fosse a questão mais das suas responsabilidades apostólicas, logo Pascal a equacionava em função de um superior e amplo pragmatismo, e resolvia da maneira mais directa e eficaz. Antecipando a investigação aplicada que hoje domina a vida científica, foram problemas concretos que o levaram à elaboração das teorias que por seu turno lhe facultaram os meios necessários à respectiva solução.

Seria deslocada aqui a relação completa e o comentário a todas as obras de Pascal, tanto mais que, noutra oportunidade, lhes dediquei um minucioso exame.

Justificar-se-á, porém, dada a celebridade de que ainda gozam, uma nota breve acerca dos *Pensées*...

A *Apologia da Religião Cristã*, que poderia ter sido uma das mais notáveis obras filosóficas do tempo, não veio a ser acabada, nem o seu

projecto ficou sequer delineado com nitidez. Várias circunstâncias concorreram para isso:

- a) Pascal não gostava de obras volumosas; quando muito fazia vários trabalhos subordinados ao mesmo tema; assim as *Lettres Provinciales*, assim os *Écrits sur la Grâce*;
- b) Nunca encontrou, para a sua *Apologia...*, o estímulo de que tanto precisava: não tinha aliados nem inimigos; estava só, e não gostava de estar só; a exposição que fez aos amigos de Port-Royal, das intenções e da estratégia da obra, ainda que brilhante, não entusiasmou ninguém;
- c) Aliás essa estratégia utilizava, ambigualmente, dois planos distintos: um gnosiológico, de prova e fundamentação; outro psicológico, sujeito à arte de persuadir, só conciliáveis na medida em que fosse dada prevalência a um deles, o que Pascal nunca fez em termos definitivos. À luz deste quadro se compreenderá o sistema de trabalho que adoptou; intuitivo e fulgurante na suas visões e comentários, ia lançando ao papel, conforme a inspiração do momento, notas avulsas, de tamanho e importância muito variável, que metódica e cuidadosamente guardava. Morreu sem ter deixado qualquer plano preciso para o seu ordenamento.

Chegou a altura de resumirmos e completarmos o que já ficou dito acerca do homem que foi Blaise Pascal nestes breves apontamentos sobre a sua vida e sobre a sua obra.

Começaremos por tentar reconstituir qual terá sido a sua constituição física e morfológica. Da escassa iconografia que existe a seu respeito, apenas a impressionante máscara mortuária é fidedigna: mostra-nos um rosto inteligente, de ampla fronte abaulada, nariz bem desenhado e levemente adunco, boca rasgada e expressiva, de lábios finos; nele permaneceu algo de adolescente e delicado, que as marcas da vida intensa e enfermiza que foi a sua não conseguiram encobrir, sem prejuízo porém da impressão de força interior e de firmeza que também nos transmite.

Segundo os testemunhos que até nós chegaram — e que vão servir também para fazermos uma ideia do seu temperamento e do seu carácter —, era de corpo esguio e débil compleição, mas dotado de grande resistência.

Sobre as doenças que o atormentaram já dissemos o suficiente: raquitismo infantil, distúrbios neurovegetativos, talvez tuberculose e, por último, um longo e cruel processo canceroso, com início no intestino e metástase cerebral, de que veio a falecer. Como se isso não bastasse, sofreu ainda os tratos da rude medicina da época. O que interessa, porém, sublinhar é que Blaise reagiu vigorosamente a todos os padecimentos e nunca se considerou diminuído ou incapacitado para uma vida activa normal, o que atesta a forte têmpera e o equilíbrio da sua personalidade.

Possuía, pois, uma vontade poderosa que se não manifestava apenas no domínio dos sofrimentos, mas também na intensa vida activa, e ainda na combatividade e na intransigência de que deu sobejas provas. No mesmo sentido o moveram, por vezes, impulsos agressivos que nem sempre susteve mas que nunca o levaram à injustiça nem ao ódio.

Foi, sem embargo, um homem impaciente, de cóleras fáceis, com viva consciência do seu valor e espontaneamente predisposto a assumir, em relação aos outros, uma posição de supremacia. Disso nos dá insuspeito testemunho Gilberte Périer, sua irmã e biógrafa, como sabemos: «A extrema vivacidade do seu espírito tornava-o tão impaciente que era difícil satisfazê-lo»; «os que não o conheciam começavam por surpreender-se, quando o ouviam falar, porque parecia estar numa posição de superioridade e querer manter uma espécie de domínio».

Deverá, todavia, esclarecer-se que foi, como regra, um espírito generoso e criador que presidiu ao domínio que Pascal gostava de ter sobre as coisas e sobre as pessoas, espírito esse que o levou, respectivamente, à actividade técnica e à acção pedagógica e apologética. E deverão sublinhar-se ainda dois outros aspectos do voluntarismo de Blaise que o libertam do impulso egocêntrico que em princípio lhe é natural: a sua capacidade de admiração, por vezes surpreendentemente fácil, e a sua espontânea e permanente atitude religiosa. Vontade forte, portanto, integradora de uma personalidade multifacetada e rica, mas sem teimosias caprichosas ou patológicas, fixações patológicas ou ambições utópicas.

Tentemos determinar agora as características da sua afectividade. Blaise foi, sem dúvida, um emotivo (aliás, a impaciência e a cólera, ainda que essencialmente ligadas à vida activa, estão carregadas de emoção). Mas não foi um sensível nem um sentimental.

Os prazeres do corpo nunca foram para ele, positiva ou negativamente (como acontece nos sibaritas ou nos ascetas), factores importantes no seu comportamento, e nem sequer a indolência vegetativa ou

os deleites estéticos preencheram os pontos mortos da sua actividade, que não devem aliás ter sido muitos.

Também não foram particularmente fortes os laços afectivos que o prendiam às pessoas e às coisas: não ficou ligado à infância nem se lhe conhecem paixões platónicas ou ligações amorosas. Amou certamente o pai, as irmãs (muito em especial Jacqueline) e os sobrinhos, mas sem grandes efusões ou manifestações de ternura. Esta sua disposição natural foi decerto acentuada pelas influências jansenistas que sofreu, à luz das quais o desprendimento e as mortificações afectivas eram vias inevitáveis para a santidade. Todavia e uma vez mais, um pendor contrário impedia desequilíbrios sérios. Blaise valorizou imenso, nos planos do conhecimento e da acção, tudo o que, na experiência, lhe era dado pelos sentidos.

Consideremos, finalmente, as prodigiosas faculdades intelectuais do cientista e do pensador. Pensamos que, para o efeito, a classificação mais adequada é a que distingue entre os espíritos investigadores ou metódicos que buscam preferentemente, no múltiplo, as linhas convergentes com interesse sistemático e os espíritos demonstrativos e sintéticos que pretendem ver, na diversidade, as linhas divergentes, mas necessárias, de um conjunto unitário previamente concebido. No caso de Pascal, o que é verdadeiramente notável e surpreendente é a presença conjunta dessas duas mentalidades e uma igual destreza e gosto na investigação e na demonstração.

Esta nova e soberana constituição mental abriu-lhe a possibilidade de vir a ser um dos maiores filósofos da época moderna. Mas o seu pendor pragmático, o seu pessimismo acerca da condição humana, e a conseqüente orientação apologética que seguiu desviaram-no da reflexão metafísica e da teologia filosófica.

Só duas palavras mais, acerca da santidade de Pascal. A partir da experiência mística que viveu na noite de 23 de Novembro de 1654, que deixou relatada no célebre *memorial*, Blaise empenhou-se num constante esforço de aperfeiçoamento que atingiu, nos seus últimos anos, uma extraordinária elevação. Deixando de se preocupar, quase que exclusivamente, com a salvação das almas, a sua caridade abriu-se e tornou-se mais sensível. O seu amor aos pobres e aos doentes acabou por não ser forçado nem penitente, mas espontâneo e gratificante; era a natural manifestação da sua vida em graça; era o júbilo por poder fazer o bem; era a santidade.

A sua morte foi exemplar e comovente. No dia 19 de Agosto de 1662, com 39 anos, terminou os seus dias um dos maiores génios de

que a França se orgulha, modelo de vida cristã integral e heróica a que só terá faltado, porque a vida lhe foi breve, uma visão apologética mais ampla onde a metafísica e a especulação teológica tivessem o lugar que lhes pertence.

*(Comunicação apresentada à Classe de Letras
na sessão de 10 de Janeiro de 2002)*

ÍNDICE DIDASCÁLICO

Quem foi Blaise Pascal?, por <i>Eduardo Abranches de Soveral</i>	7-16
Presença e ausência de Vico na filosofia luso-brasileira, por <i>António Braz Teixeira</i>	17-37
Tendências actuais da metodologia económica, por <i>Manuel Jacinto Nunes</i>	39-68
Visões a longo prazo na integração europeia, por <i>Paulo de Pitta e Cunha</i>	69-76
A exclusão social: um problema do passado e do presente, por <i>Humberto Baquero Moreno</i>	77-87
Fernando Pessoa et l'Europe, por <i>Robert Bréchon</i>	89-97
Domingos Vandelli, a história natural e a economia política, por <i>José Luís Cardoso</i>	99-118
Revisitar Montherlant, por <i>Eugénio Lisboa</i>	119-134
A mitologia brasílica e Monteiro Lobato, por <i>Dário de Castro Alves</i>	135-142
A vocação de João Ameal, por <i>Henrique Barrilaro Ruas</i>	143-152
Crescimento económico e estatura humana: há um paradoxo antropométrico em Portugal no século XIX?, por <i>Jaime Reis</i>	153-169
Paul Morand e Portugal — Intrigas diplomáticas, por <i>António Coimbra Martins</i>	171-183
Sobre as posições filosóficas, religiosas e políticas de Alexandre Herculano, por <i>Eduardo Abranches de Soveral</i>	185-199
O projecto da lusofonia na globalização contemporânea, por <i>Fernando Cristóvão</i>	201-222
Da «Vida Literária» da <i>Brotéria</i> , por <i>João Bigotte Chorão</i>	223-230
Convergências e afinidades entre o pensamento português e o pensamento russo (1874-1936), por <i>António Braz Teixeira</i>	231-245

<i>The Waste Land</i> oitenta anos depois, por <i>Fernando Guedes</i>	247-257
L'humanisme portugais et l'Europe, por <i>José V. de Pina Martins</i>	259-266
Crime e castigo, por <i>João Bigotte Chorão</i>	267-274
Entre Maurras e Péguy, por <i>Henrique Barrilero Ruas</i>	275-285
Antiguidade e modernidade e o conhecimento das raízes do Ocidente — Valerá ainda a pena estudá-las?, por <i>Raul Miguel Rosado Fernandes</i>	287-303
T. S. Eliot — <i>The Waste Land</i> e depois, por <i>Fernando Guedes</i>	305-319
Os caminhos da crítica presencista: José Régio e João Gaspar Simões, por <i>Eugénio Lisboa</i>	321-334
No tricentenário do Tratado de Methuen: balanço histórico e historiográfico, por <i>José Luís Cardoso</i>	335-359

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA:	
<i>Presença e ausência de Vico na filosofia luso-brasileira</i>	17-37
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA:	
<i>Convergências e afinidades entre o pensamento português e o pensamento russo (1874-1936)</i>	231-245
ANTÓNIO COIMBRA MARTINS:	
<i>Paul Morand e Portugal — Intrigas diplomáticas</i>	171-183
DÁRIO DE CASTRO ALVES:	
<i>A mitologia brasílica e Monteiro Lobato</i>	135-142
EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL:	
<i>Quem foi Blaise Pascal?</i>	7-16
EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL:	
<i>Sobre as posições filosóficas, religiosas e políticas de Alexandre Herculano</i>	185-199
EUGÉNIO LISBOA:	
<i>Revisitar Montherlant</i>	119-134
EUGÉNIO LISBOA:	
<i>Os caminhos da crítica presencista: José Régio e João Gaspar Simões</i>	321-334
FERNANDO CRISTÓVÃO:	
<i>O projecto da lusofonia na globalização contemporânea</i>	201-222
FERNANDO GUEDES:	
<i>The Waste Land oitenta anos depois</i>	247-257
FERNANDO GUEDES:	
<i>T. S. Eliot — The Waste Land e depois</i>	305-319